

EM NOME DAS MULHERES MOÇAMBICANAS

# Graça pede paz para honrar Samora Machel

**A VIÚVA do Presidente Samora Machel, a activista social Graça Machel, pediu ontem o fim das hostilidades militares, como forma de honrar a memória do construtor da nação.**

Falando nas cerimónias centrais da passagem dos 30 anos do acidente de Mbuzini, realizadas na Praça dos Heróis Moçambicanos, em Maputo, Graça Machel disse que em nome das mulheres que perderam os seus maridos naquela tragédia e que sabem e vivem com a dor de uma morte violenta causada deliberadamente por outros seres humanos, junta a sua voz à de todas as outras moçambicanas para pedir o calar das armas de uma vez por todas.

“Acabem o conflito neste país. Nós sabemos, vivemos com esta dor e não queremos mais continuar a viver o que vivemos. Os nossos filhos cresceram sem conhecer os pais, os nossos netos não sabem o que é o colo dos seus avós, mas isso tem de acabar. Esta família moçambicana deve saber abraçar o diálogo e fazê-lo prevalecer para que não seja a voz das armas a nos juntar”, disse



Graça Machel falando em nome das viúvas dos mártires de Mbuzini

Graça Machel.

Sugeriu que se conceda espaço a cada um dos 33 elementos que acompanhavam Samora Machel no fatídico dia 19 de Outubro.

Na sua opinião, estes deveriam ser valorizados um pouco mais do que apenas serem tratados como as outras famílias. Lembrou que Moçambique reconheceu tão bem a igualdade de todos os que tombaram em Mbuzini naquele monumento, em que

cada pilar erguido, simbolizando cada um deles, é exactamente igual a outro.

“A nossa dor é igual e neste momento de celebração das vidas daqueles que pereceram em Mbuzini e para o conhecimento das novas gerações, quero sugerir, respeitando as linhas editoriais dos órgãos de comunicação social, para que apresentem as caras, os nomes e as funções que eles exerciam quando tom-

baram”, afirmou Graça Machel.

Ela agradeceu a todos os moçambicanos porque durante os últimos meses em que foi lançado o movimento das celebrações de 19 de Outubro a nação moçambicana sentiu a presença de Samora Machel. “Samora voltou e vive connosco e a sua voz e imagem nos nossos locais de trabalho, nas nossas residências, quando viajamos, nas ruas, nos mercados e em toda a parte, está presente”,

sublinhou.

Desejou que ao retomar esta máxima de que “Samora vive em cada um de nós” não deve ser apenas uma celebração, mas sim um momento de compromisso de cada um fazer viver Samora no seu local de trabalho e no dia-a-dia.

No seu entender, aquele que diz que não deve haver tribalismo ou nepotismo deve ser o primeiro a não praticar estes actos.